

Poder racha grupo de Heloísa Helena

Democracia Socialista quer conferência econômica, mas críticas da senadora causam mal-estar

VERA ROSA

A Democracia Socialista, principal facção radical do PT, está rachada. Enfrenta o dilema de ser governo, ocupando cargos no Ministério de Luiz Inácio Lula da Silva, e ao mesmo tempo criticá-lo. Por isso, até mesmo entre parlamentares do grupo não há acordo sobre o tom que deve ter a inusitada proposta de "conferência econômica" para debater a política traçada pelo ministro da Fazenda, Antônio Palocci Filho. A corrente vai apresentar a sugestão na reunião do Diretório Nacional petista, marcada para os dias 15 e 16, em São Paulo.

Alguns integrantes da DS – como é conhecida a facção – defendem linha dura com Palocci, cobrando coerência com o programa do PT. "Queríamos nós nem estar nos sentindo na obrigação de fazer esse debate político, especialmente nesse governo onde a melhor política seria a da boquinha fechada", diz a senadora Heloísa Helena (PT-AL), que vive às turmas com os moderados do partido.

Com seu jeito explosivo, a senadora alagoana começa agora a causar constrangimento até mesmo em representantes de sua própria corrente. "A senadora Heloísa Helena não fala pela DS", afirma o deputado Tarcísio Zimmermann (PT-RS), que, da mesma forma que a colega, integra o comando

nacional da facção. "Ela fala por si mesma e tem legitimidade para isso, mas às vezes algumas manifestações isoladas ultrapassam um pouco o tom."

Divisão – Na outra ponta, porém, o ex-prefeito de Porto Alegre, Raul Pont, cerra fileiras com Heloísa Helena. Deputado estadual, Pont argumenta que há coisas que não têm explicação neste governo, como o aumento das taxas de juros. "Se o PT não discutir alternativas, Palocci terá de ir ao diretório nacional explicar por que esta política econômica é a única saída", alega ele.

Com apenas 17% dos 81 assentos no diretório petista – instância máxima de decisão no partido –, a Democracia Socialista sabe que não tem força para impor

sua proposta de conferência, com a participação de todos os filiados e a exposição de renomados economistas, como Celso Furtado e Paulo Nogueira Batista Júnior, além da ex-deputada Maria da Conceição Tavares. Mas quer criar um clima favorável ao debate.

O problema é que, desde que Heloísa Helena começou a bombardear a política econômica, houve ciúmeira e mal-estar no grupo. Muitos de seus companheiros avaliam que ela não age de forma partidária ao

manifestar opiniões. Em reuniões reservadas, chegaram a propor que ela não ocupasse comissões de destaque no Senado. Para esses críticos, a senadora tem uma resposta na ponta da língua: "Sou a lembrança amarga da história do PT."

O constrangimento tem ocorrido também porque dois nomes de peso da DS estão no primeiro time do governo: o ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto – que na quarta-feira condenou a invasão da sede do Incra, em

Mato Grosso, pelo Movimento dos Sem-Terra (MST) – e o secretário-executivo adjunto da Fazenda, Arno Augustin. "Não temos uma posição antigoverno nem anti-Palocci e muito menos de demonizar um ou outro", afirma Zimmermann.

Não temos posição antigoverno nem anti-Palocci e muito menos de demonizar um ou outro

Tarcísio Zimmermann

Zimmermann. "Respeito os tons diferentes, mas o fórum privilegiado para fazer este debate é partidário", completa a senadora Ana Júlia Carepa (PT-PA), também representante da Democracia Socialista.

Para Ana Júlia, um debate sobre os rumos da política econômica contribuiria para as discussões sobre as reformas "necessárias para mudar o Brasil". Na opinião de Heloísa Helena, porém, o foco do debate sobre a reforma da Previdência está "enviesado".